

Grafite, Turismo e Ressignificação dos Territórios Urbanos Periféricos: Entrevista com Fernando Morais (VIELAS – Espaço Cultural)

Ernani Viana ¹

Submissão em: 04 mar. 2026

Aceite em: 11 jun. 2026

Apresentação

O material a seguir apresenta o relato de Fernando Morais, morador do bairro Eusébio Beltrão de Queiroz, na cidade de Caxias do Sul, desde que nasceu. É presidente da Associação de Moradores, criador de ações de desenvolvimento humano e social e presidente do VIELAS². É também idealizador do Museu de Arte Regina Rodrigues Machado³ (MARM), reconhecido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e do percurso educativo Graffitour⁴, vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2025 (IPHAN).



Fernando Morais, na sede do VIELAS – Espaço Cultural, 08 de janeiro de 2024.

Fonte: Samir Tuffy (2024)

Define-se como *cria* do lugar, assim como sua família. Esta conversa percorre sua trajetória, os desafios de uma criança preta, em uma cidade de origem colonial italiana, e o início de seu ofício como liderança territorial. Fernando detalha, também, o surgimento do "Mosaico na Quebrada": o que começou com a proposta de "colorir a quebrada" por meio de grafites transformou-se em um movimento mais amplo de atendimento às necessidades dos moradores, utilizando um espaço da família como ponto de referência comunitário. Discute ainda os primeiros passos do Graffitour, os planos de profissionalização turística e a

¹ Doutorando em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (PPGTurH/UCS). Mestre em Turismo (PPGTurH/UCS). Consultor em Turismo, Cultura e Patrimônio. Endereço eletrônico: ernaniviana@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6629-3828> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3774936945702244>

² Saiba mais sobre o projeto Vielas no site do Mapa da Cultura [aqui](#).

³ Catálogo de Obras do Museu de Arte Regina Rodrigues Machado (MARM) disponível [aqui](#).

⁴ Graffitour: Roteiro interativo em mapa digital disponível [aqui](#).

instalação de *QR Codes* para referenciar obras e autores e a sua participação na "Expo Favela" em São Paulo. Por fim, projeta seus planos para o futuro, incluindo o desejo de transformar o Beltrão de Queiróz em um polo cultural e turístico com a instalação de um *hostel*.

O bairro Euzébio Beltrão de Queiróz, conhecido como "Zona do Cemitério", entremeia-se pelo Cemitério Municipal e pelo estádio Centenário, destaca-se por ter originado figuras importantes do esporte e da cultura local. É sede da Escola de Samba XV de Novembro e berço do sambista Tio Micaio, criador do grupo Seresteiros do Luar. No pós-pandemia, um grupo formado por artistas, produtores culturais e lideranças comunitárias, entre eles o *rapper* Chiquinho Divilas, a arquiteta Jessica De Carli, o grafiteiro Andriago Martins e o líder comunitário Fernando Moraes, deu vida ao projeto "Mosaico na Quebrada" e propôs ao "VIELAS-Espaço Cultural".

Entrevista

Entrevistador: Quem é o Fernando Moraes?

Fernando Moraes: Sou uma cria, como se diz, daqui do bairro Euzébio Beltrão de Queiróz. Nasci e me criei aqui. Hoje tenho 42 anos, então... boa parte da minha vida foi aqui dentro do bairro, sempre morei aqui, minha família, também, sempre morou aqui. Meus pais, meus irmãos, vieram já no início do bairro, então, praticamente, a família toda morou e cresceu dentro do Beltrão de Queiróz.



Ernani Viana e Fernando Moraes, na sede do VIELAS – Espaço Cultural, 08 de janeiro de 2024
Fonte: Samir Tuffy (2024)

Entrevistador: Me fala da tua vida escolar e de vivências especiais que te caracterizaram enquanto morador daqui do bairro.

Fernando Moraes: Bom... dentro do bairro, na minha época de infância, era muito complicado, mas mesmo assim a gente achava meios, na própria comunidade, de se divertir. Jogar futebol, jogar taco, coisas que qualquer criança, qualquer menino, faz. Então, crescer aqui no bairro foi um grande aprendizado, uma grande escola. Nasci e me criei aqui, estudei

aqui próximo. Passei por uma escola particular, onde não tive uma boa aceitação, por questão social, mesmo. Onde é que um aluno da periferia, preto, pode estudar numa escola particular? Foi bem complicado para mim. Depois estudei numa escola estadual, aqui próximo, no Cristóvão, onde estudei um bom tempo ali. Daí teve um meio tempo que eu parei de estudar, fiz o supletivo, fiz um vestibular, daí passei no vestibular. Iniciei um estudo numa faculdade, mas não tive condições de prosseguir, e por aí, parei. Hoje em dia estou trabalhando diretamente nessas demandas do próprio bairro.

Entrevistador: Quais são elas?

Fernando Moraes: A gente faz de tudo um pouco. A gente iniciou um trabalho aqui no bairro com a ideia que iniciou com um rapaz lá da zona norte. Ele tinha a ideia de um projeto que iniciou várias coisas. Daí acabou que a gente desenvolveu uma ideia aqui no Beltrão de Queiróz. Através desse projeto a gente conseguiu, eu como linha de frente, fazendo as coisas acontecerem aqui na comunidade, a gente conseguiu ganhar algumas demandas. O que eu pude perceber é que o que a gente estava fazendo como projeto, a gente sempre vinha fazendo na comunidade. A comunidade sempre teve esse intuito de união. A gente nunca trabalha sozinho, a comunidade, mesmo, sempre se ajuda. Então, a gente acabou percebendo que o que a gente vinha fazendo, as pessoas que vinham de fora acabaram percebendo, que o que a gente fazia aqui dentro na comunidade, através do projeto, sempre aconteceu. Eu me vi numa cena que eu já fazia a vida toda, que era o de estar junto dos líderes comunitários, desde a minha infância e adolescência, e eu mesmo tomar a iniciativa dentro da comunidade.

Entrevistador: Qual foi o projeto da zona norte que influenciou aqui?

Fernando Moraes: A ideia do rapaz que eu mencionei da Zona Norte foi o “Mosaico na Quebrada”, sabe? Era a respeito de um rapaz que o nome dele é Andriago Martins, e ele teve essa ideia. A ideia desse projeto na zona norte, só que aconteceram algumas coisas e ele não conseguiu desenvolver essa ideia lá. Então, depois de um tempo, eu não estava morando em Caxias no momento e, então, entraram em contato comigo para ver se eu conseguia, de uma certa forma à longa distância. Até, então, o bairro era muito mal visto e muita coisa que não acontece mais há muitos anos, um folclore que foi criado de uma parte negativa da comunidade e, às vezes, não é tudo isso que as pessoas pensam, né? A princípio, eu tentei fazer essa ajuda à distância, mas o pessoal foi meio relutante em fazer. Muito fruto da falta de assistência, sabe? O pessoal já desacredita quando vem uma pessoa que diz “Bah, quero ajudar vocês”, e tal. Por que as pessoas vêm, tiram o proveito necessário e depois saem fora.

Ou a gente, mesmo, tá sempre lutando para fazer algo acontecer, e o pessoal não estava querendo aceitar o início deste projeto por causa de todas essas questões. Eu já estava para voltar de onde estava morando e vim para iniciar a conversa com o pessoal do bairro. Daí, foi onde a gente desenvolveu todo o trabalho do “Mosaico na Quebrada”. O “Mosaico na Quebrada” é um projeto daqui do bairro e a gente começou a desenvolver tudo isso. Como a gente desenvolveu aqui, sentimos que necessitaríamos de um espaço onde pudéssemos sentar, conversar, tratar de estratégias, novos projetos, e tal. E a gente tinha este espaço aqui, que é um espaço da minha família, era um espaço que estava totalmente abandonado. Um tempo foi... eu emprestei por um tempo para Escola de Samba para guardar os instrumentos aqui.

Entrevistador: Aqui era a sede da Escola de Samba XV de Novembro?

Fernando Moraes: Não era a sede, era unicamente para guardar os instrumentos, era um depósito. A sede fica em outro lugar daqui do bairro. A sede é lá no “Dão”, no Instituto Adão Borges da Rosa. Então, viemos para cá e começamos a fazer uma reforma no intuito de realizar eventos e receber o pessoal. Então, a princípio, era para ser um lugar de conversas rápidas e depósitos. A gente viu que as demandas do bairro começaram a acontecer e o pessoal começou a vir aqui como um ponto de atendimento de suas necessidades. Então, a gente viu que esse ponto aqui virou um ponto de referência de todo o bairro. Estou quase todo dia aqui e o pessoal vem quando precisa. Tomou uma proporção que a gente não imaginava.

Entrevistador: Por que encher de cores o Beltrão de Queiróz?

Fernando Moraes: Como te falei, essa ideia surgiu com este rapaz, ele já tinha a ideia. A ideia que ele tinha sugerido era “Colorindo a Quebrada”. Quando o projeto estava iniciando, eu não sabia que o projeto tinha vindo deste rapaz. Então, um dia, ele me procurou junto com outras pessoas que fizeram parte do projeto e outras que ainda fazem, para nós conversarmos e ele me explicou como que tinha acontecido. Aí, ele veio e disse “muito legal o que vocês estão fazendo, vim dar uma ajuda aqui para vocês. O que precisarem de mim, estarei aqui”. Então, essa história do colorido, da arte, do graffiti, vem do alicerce deste projeto do Andrigo. Ele é um artista, faz caricatura, faz arte, o graffiti, ele já tem toda uma relação com isso e começamos a seguir. Mas, além disso, aqui no bairro, o que é que a gente precisava? Além da pintura, muitas casas precisavam de uma certa estrutura, uma precisava de janela, outra precisava de telhado. Tinha lugares que a gente precisava desenvolver uma escadaria, reformar um lugar que estava cheio de entulho, reformar uma praça, fazer um mirante e um outro espaço ali, conseguimos verba para ajudar uma cadeirante. A gente viu que não era só o

colorir, realmente precisávamos ajudar as pessoas nas necessidades do dia a dia delas. Foi nesse ponto que a gente começou a focar.

Entrevistador: Como se deu a passagem da ideia para sua concretização? Quais foram os primeiros parceiros e como estão estas relações hoje em dia?

Fernando Moraes: A gente sempre trabalhou com as leis de incentivo à cultura, a LIC, né, tanto a estadual como a municipal. A gente conseguiu fazer isso só através das LIC's. A gente não tem nenhuma ajuda direta. Infelizmente, em Caxias do Sul é bem complicado. Eu vejo que não é só complicado, por exemplo, de tu chegar numa empresa e das pessoas acreditarem que o teu trabalho seja um trabalho sério. É um trabalho que mexe com a vida de toda uma comunidade, muda a realidade de crianças. E o nosso início foi assim, todo através da lei de incentivo à cultura. Então, como a gente tinha um espaço, um CNPJ novo, ainda. Nem MEI a gente tinha, não sabíamos que MEI⁵ poderia captar, fazer as coisas acontecerem. Hoje a gente vê que a gente pode ter acesso a essas ajudas e incentivos na nossa comunidade. É bem complicado, por ser uma periferia pequena, não é uma periferia grande, com um grande histórico em várias situações, mas muito deixada de lado. Estamos, praticamente, no centro. Mas tem situações que a gente não consegue resolver como nos demais bairros. Para nós é muito complicado quando queima a luz de um poste. Mesmo a gente procurando o poder público, nossa! É muito complicado, demora muito.

Entrevistador: Voltando um pouco para o projeto “Mosaico da Quebrada”, como se dá a relação de vocês com os artistas e como se iniciou o “guiamento” para mostrar os trabalhos na fachada das casas aqui no bairro?

Fernando Moraes: A gente faz toda uma curadoria. No início a gente procurou um artista para nos ajudar a ter uma direção. Elaboramos edital e chamamos alguns artistas para se inscreverem. Fomos chamando as pessoas que tivessem mais a ver com a nossa realidade. Então, a gente chamou os 20 e poucos artistas escolhidos. Eles vieram para cá, conheceram o bairro, daí, eu os apresentava para os moradores. Eles tinham um diálogo direto com os moradores para elaborarem as artes. A pessoa falava “Olha, na minha residência eu gostaria de fazer assim, algo nesse tema, algo nessas cores...”. No início, quando eu comecei a fazer a conversas com a população aqui do bairro sobre o que era o projeto, a maioria não quis, não aceitou. Eles associavam o graffiti com o pixo. As pessoas falavam “Bah, a gente já mora

⁵ O Microempreendedor Individual (MEI) é um regime simplificado de formalização para quem trabalha por conta própria, permitindo obter CNPJ, emitir notas fiscais e ter benefícios previdenciários (Lei nº 128, 2008).

aqui no bairro, um bairro escuro, muito feio, e ainda vão pixar o muro da minha casa, bah! Não quero”. E daí a gente teve um diálogo, mostrando fotos e algumas pessoas começaram a aceitar. Foi essa a primeira etapa do projeto. Vieram esses 20 artistas e fizeram a arte e o bairro começou a ver o que era.

Entrevistador: Isso foi quando?

Fernando Moraes: Há dois anos atrás, 2021-2022, por aí. Hoje tem fila de espera para fazer, sabe? O pessoal viu que deu outro visual. O pessoal começou a cuidar da frente da sua casa, começaram a ficar na porta de casa, começaram a achar sua casa bonita. A gente vê que transformou, não só uma parede, mas a vida das pessoas.

Entrevistador: O passeio do Aldeia Sesc, em novembro de 2022, foi o primeiro a ser organizado?

Fernando Moraes: Aquele foi um dos primeiros, aquele que tu participaste, foi um dos primeiros. Em Caxias, todo mundo falava sobre o bairro “Bah! Ali é perigoso de entrar” e tal. Aí começamos a trazer o pessoal de fora para saber a realidade, do que acontece de verdade aqui dentro. Acontecem algumas coisas negativas? Acontecem! Como em qualquer outro bairro, aqui no centro, em qualquer outro lugar. As pessoas começaram a vir e vivenciar. Perceberam que o bairro é acolhedor com as pessoas. Então, nós fizemos estes primeiros passeios e a gente pensa em fazer alguma coisa a respeito disso. Profissionalizar isso. Esse turismo, digamos assim, dentro de uma comunidade, coisa que já existe em grandes cidades, né? O pessoal sai daqui do Rio Grande do Sul pra ir pro Rio de Janeiro fazer um Turismo de periferia, sendo que aqui em Caxias tem um trabalho sendo realizado dentro de uma. Então, a gente pensa, futuramente, em fazer um curso mesmo. Pegar um jovem da comunidade e fazer toda essa rota turística, pretendemos fazer alguma coisa nos murais. Colocar algum descritivo nos murais, algum tipo de *QR Code* para a pessoa poder acessar, ver a história do artista, ver a história do morador da casa, ver um depoimento do morador da casa. Isso aí a gente já está pensando em desenvolver um projeto assim, para futuramente a gente conseguir trazer mais pessoas para cá, movimentar o bairro que é o que o bairro quer, as pessoas querem isso. Voltar a ser o que o bairro era, movimentado, receber pessoas.



Passeio Cultural Guiado: “Projeto Vuelas” na programação da 9ª edição do festival de cultura Aldeia Sesc – Caxias do Sul (12 de novembro de 2022)
Fonte: Deploy Produtora (2022).

Entrevistador: O graffiti é um dos braços do hip-hop, não é? Para além dele, quais são as outras vias artísticas que o Vuelas busca se vincular?

Fernando Moraes: É isso aí. Na realidade... a gente começou com um trabalho de arte de graffiti, mas não quer dizer que a gente tenha só esse segmento, sabe? Tipo “Ah, somos Hip-Hop e só vamos atuar com isso aí”. Não! A gente quer desenvolver, como um espaço cultural, algo abrangente a todas as culturas existentes em Caxias. A gente não quer ficar preso somente neste segmento do Hip-Hop. A gente tem uma ideia de fazer um projeto pro pessoal que tem deficiência visual, a gente tem várias ideias. Eu quero transformar totalmente o bairro Beltrão de Queiroz. Quero trabalhar, fazer feira na rua... tem muita coisa para acontecer. Nosso carnaval foi perdido, a gente quer resgatar isso, a gente quer fazer o samba na rua, que fazer a feira com as mulheres do clube de mães, a gente quer trazer o povo LGBTQIAP+ para dentro do bairro para desenvolver um trabalho. A gente vê que a falta de informação é a barreira de muitas coisas. Então, a gente pretende fazer muitas coisas, não só voltada para o Hip-Hop, para o graffiti, mas a gente quer fazer, realmente, do Beltrão de Queiróz um bairro cultural. Estarmos inseridos no mapa do turismo de Caxias do Sul “Olha, tem um lugar lá que dá para visitar”. A gente pensa em fazer, aqui no bairro, o primeiro *Hostel* numa periferia da cidade de Caxias. Nós já temos o espaço, e estamos pensando em fazer deste local mais um ponto de transformação do bairro. Temos outro espaço que queremos fazer dele um centro de

convivência diferente, do pessoal ir e comer alguma coisa, ter um momento de lazer junto com o pessoal da comunidade que poderá usar este espaço do mesmo modo.

Entrevistador: O bairro tem muitas personalidades ligadas ao futebol, ao samba, as artes e a cultura, ao que tu atribuis isso?

Fernando Moraes: Eu vejo... não é só no Beltrão, né? Mas eu vejo que toda comunidade... é algo que as pessoas sempre estão se superando, dia após dia. Porque é uma luta diária para se poder chegar a certos espaços. No samba, a escola de samba Acadêmicos do XV de Novembro foi uma das primeiras escolas de Caxias. Várias outras surgiram depois do XV. Eu lembro que eu sempre desfilei no XV, na bateria, éramos crianças e a gente sempre via toda aquela correria do “Dão” de ceder instrumentos para outras escolas poderem desfilar. Então, sempre teve isso. Teve momentos em que a própria bateria da escola de samba desfilava em outras escolas. Essa ajuda sempre criou laços com outras comunidades. As pessoas que moraram aqui e, posteriormente, foram para outros bairros mantinham o elo, mantinham o vínculo com a comunidade aqui. No esporte, também, tem vários times que não disputam o circuito oficial, mas jogam entre os bairros, também. O Cezinha, que é daqui, para mim, é o melhor percussionista da cidade. Ele iniciou aqui na comunidade. Éramos crianças e, no contraturno escolar, nós íamos no São Carlos aqui, onde chamávamos “As irmãs” ali, a gente ia ali. Foi num espaço assim que a gente aprendeu e hoje em dia ele é um excelente profissional. Quando as pessoas falam que “A favela é potência”, é porque tem muitas pessoas com potência dentro da comunidade, só estão procurando um espaço para se colocarem e pôr para fora toda a criatividade que têm dentro delas.

Entrevistador: Como foi expor o *case* do Vielas na Expo Favela?

Fernando Moraes: Aconteceu muita coisa neste pouco tempo, muita coisa aconteceu muito rápido, sabe? A gente iniciou ali e em poucos anos teve uma repercussão muito grande. Até porque a sociedade não acreditava que tivesse algo de bom para sair daqui de dentro. Desde os relatos das mídias, nos jornais, tudo. A gente nunca via algo de positivo, era muito pouco. Então, a gente começou a alcançar e a repercutir e as pessoas começaram a vir no bairro. Viam que eram bem recebidas, isso deu mais impulso na repercussão. Eu mesmo não acreditava. Um ano antes, eu fui a São Paulo, convidado por um grupo de pessoas somente para assistir às palestras do pessoal das favelas de São Paulo. No ano seguinte, eu fui um dos convidados a palestrar na mesa de conversas. Eu não paro para pensar porque nunca imaginei “Bah, eu quero estar ali!”. Não tinha isso como objetivo. Meu objetivo sempre foi mudar o

meu bairro, mudar a realidade dos que nasceram na comunidade junto comigo. Foi muito gratificante, me deixou muito feliz. Foi um convite assim... A Secretaria de Cultura de Caxias foi fazer esse passeio lá na Expo Favela, e nós com este projeto de Caxias do Sul, não sei se eles se ligaram de nos convidar para ir, eu não sei, eu fiquei meio assim... né? “Bah, vai ser em Porto Alegre, será que vão descer pra lá, algo assim”. Estava desacreditado de ir, para mim tanto faz, mas estava conformado já que estava fazendo acontecer aqui dentro. Quando eu recebi uma mensagem no meu *WhatsApp* do governo do estado, daí o pessoal de Porto Alegre a visão de *sacar* que tem um pessoal de Caxias fazendo o trabalho dentro de uma comunidade e pensaram de nos chamar para participar, foi, tipo assim, a Expo Favela aconteceria num final de semana e na metade da mesma semana o pessoal do *RS Criativo* nos convida para pautar uma mesa de debate junto com eles. Para mim foi muito legal, sabe? Às vezes, as pessoas que estão, assim, do teu lado, que veem todo teu esforço, toda tua correria para fazer algo acontecer, e daí as pessoas que estão de longe te valorizam mais.

Entrevistador: Quais são teus planos próximos e futuros para o Vielas e se tem algo que eu não perguntei e queiras falar, podes pontuar também.

Fernando Moraes: Olha, eu participei de uma conversa, que também me chamaram para participar e foi feita uma pergunta semelhante, sabe? O que eu quero conseguir, eu sei, mas não sei ainda como. Não sei como transformar, literalmente, o Beltrão de Queiróz. Trazer o comércio aqui para dentro. Trazer esse *Hostel*. Tenho outras ideias, que eu também não sei como acontecer, mas eu sei que vão acontecer, entende? O que eu penso para o futuro aqui do bairro, do Vielas, do centro cultural, do próprio Instituto Adão Borges da Rosa é a gente se unir e mudar este bairro. Nenhum outro bairro da cidade tem tantos meios como este nosso. O ponto de vista geográfico ajuda demais, mas aqui é diferente de todas as demais. Botar o Beltrão de Queiróz na rota turística da cidade e do estado. A gente tem potencial para isso, precisamos nos profissionalizar e ter os meios e os acessos. Agora que estamos sabendo de como ter acesso aos editais, como escrever um projeto, temos muita dificuldade, principalmente para nós que viemos da periferia e que não entende muito da linguagem exigida, não tem acesso à internet, não cresceu num ambiente com computador. Então, a gente está muitos anos atrás de gente que tem tudo. O que a gente está fazendo tem relevância, o bairro tem relevância para cidade, a gente tirar uma criança ou um adolescente de um caminho que ele poderia ser uma ferramenta de desgraça para a própria cidade e a gente conseguir reverter isso, não tem preço que pague um negócio desses. A gente quer

mostrar para as pessoas, principalmente para os jovens do Beltrão de Queiróz, que existem outros meios de serem bem-sucedidos na vida, entende? Estamos nesta luta e em conjunto.



Fernando Moraes com Ernani Viana em um dos mirantes do Beltrão de Queiróz. Estádio Centenário (SER Caxias) ao fundo (08 de janeiro de 2024)
Fonte: Samir Tuffy (2024)

Entrevistador: Valeu demais, meu amigo!

Fernando Moraes: “Tâmo” junto!

Entrevista realizada presencialmente, na sede do VIELAS – Espaço Cultural em 08 de janeiro de 2024.

